

JENNIFER LYNN ALVAREZ

# MENTIRAS INCENDIÁRIAS

Cinco amigos e o segredo mortal que pode colocar suas vidas em chamas

Jennifer Lynn Alvarez

# mentiras incendiárias

Tradução  
SARAH BENTO PEREIRA

 FARO  
EDITORIAL

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL , 2022**  
**TEXT COPYRIGHT © 2021 BY JENNIFER LYNN ALVAREZ**  
**LIES LIKE WILDFIRE**  
**THIS EDITION IS PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH STERLING LORD**  
**LITERISITC AND THE RIFF AGENCY**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**  
Preparação **HELENA COUTINHO**  
Revisão **CLARA DIAMENT E THAÍS ENTRIEL**  
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**  
Imagens de capa **DARARAT INSUWAN, VADYM ZAITSEV,**  
**SRARN ARTRATTANAKUL | SHUTTERSTOCK**  
Imagens internas **JAG\_CZ, BERNATSKAIA OKSANA, SCHANKZ, NATTAPOL\_**  
**SRITONGCOM, ANDREY\_KUZMIN, XPIXEL | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alvarez, Jennifer Lynn  
Mentiras incendiárias / Jennifer Lynn Alvarez; tradução  
de Sarah Bento Pereira. — São Paulo : Faro Editorial, 2022.  
320 p.

ISBN 978-65-5957-098-0  
Título original: Lies Like Wildfire

1. Ficção norte-americana I. Título II. Pereira, Sarah Bento

21-4739 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



1ª edição brasileira: 2022  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310  
Alphaville — Barueri — SP — Brasil  
CEP: 06473-000  
www.faroeditorial.com.br

PARTE UM

# A mentira



11 DE agosto

11H10

Não estou vestida para encontrar um corpo. Estou usando um short e uma regata branca fina. Os mosquitos vão sugar todo o meu sangue e meus tênis novos vão para o lixo. Estou vestida para o verão, não para rastejar na floresta em busca de uma das minhas melhores amigas com um bando de voluntários que beberam café demais.

Espero que não a encontremos. Quero que Violet esteja viva. Acabamos de nos formar no ensino médio e vamos para a faculdade em breve. Ser sequestrada, assassinada ou cometer suicídio, ou o que quer que tenha acontecido com ela, não estava na programação para hoje. O que *estava* programado era comprar roupas de cama e outros suprimentos para o nosso novo dormitório.

Portanto, não, não estou vestida ou preparada para encontrar o corpo de Violet Sandoval. Além disso, acredito que ela foi assassinada, e gostaria de não mexer com o que está quieto. Por quê? Bem, por que *alguém* iria querer que uma garota morta continuasse desaparecida? Porque não gosta dela? Talvez (mas não neste caso). Porque quer uma chance com o namorado dela? Talvez. Ou porque ajudou a matá-la? Sim, esse é um bom motivo. Acabei de sair do hospital, não sei o que aconteceu com Violet e não quero saber.

Só uma coisa é certa: tudo começou com uma chama.



# 2

7 DE JULHO  
12H15  
cinco semanas antes...

Quando chego no meu carro, ouço passos rápidos e sinto a parte de trás do top do meu biquíni estalar contra a minha pele. Eu me viro e dou de cara com o rosto alegre de Nathaniel James Drummer — o meu principal melhor amigo dentre os meus quatro melhores amigos — sorrindo para mim na minha garagem. Miro um chute nele.

— Quantos anos você tem, doze?

Ele pula para fora do meu alcance, vestido, como de costume, com jeans desbotados e uma camiseta muito apertada. Árvores retorcidas e espinhosas nos cercam, elevando-se em direção ao céu, e um vento quente de verão sopra das montanhas de Sierra Nevada.

— O que você tem na mochila? — ele pergunta. — É melhor que não seja lição de casa.

— É verão, idiota.

Pego minha mochila e a coloco no ombro. Realmente dirigi para longe até a biblioteca para dar uma olhada nos livros sobre criminologia; não há nada de errado em começar na frente, mas tecnicamente não é dever de casa — não até que eu vá para a faculdade.

Drummer espia a mochila pesada e seu sorriso murcha.

— Poxa vida, Han, não desperdice o resto do tempo que nós temos lendo.

Eu dou uma risada.

— É exatamente por isso que estou indo para a faculdade e você, não.

Mas quando encontro seu olhar, meu estômago se agita. Drummer não tem ideia de que me apaixonei por ele na sexta série. Aconteceu rápido, como cair de um penhasco. Num momento ele era meu melhor amigo de joelhos ossudos e ligeiramente fedorento, e no seguinte ele era bonito, com a pele dourada e uma tonelada de areia acima da capacidade do meu caminhãozinho. Cruzo os braços para que ele não possa ver o gigantesco buraco no meu peito. O problema de se apaixonar é que, a menos que seu melhor amigo também caia de amores, você cai sozinho.

Drummer enfia o dedo em uma alça do meu short jeans e me puxa para mais perto, sua voz fazendo meu ouvido vibrar:

— Vim te buscar. Tá todo mundo indo para o Gap para um mergulho. Quer ir?

— Todo mundo?

— É, todos os monstros. E Mo tá levando cerveja.

Nosso grupo — Mo (abreviação de Maureen), Luke, Violet, Drummer e eu, Hannah — são os adolescentes aos quais ele se refere quando fala sobre os “monstros”, um apelido que recebemos quando tínhamos sete anos.

Foi no centro comunitário. No verão, nossos pais nos inscreveram para uma creche disfarçada de produção de baixo orçamento de “Onde vivem os monstros”. A diretora perguntou quem queria ser um monstro, e, como nenhum de nós queria interpretar o humano, nossas mãos dispararam no ar. Depois disso, ela só nos chamava de monstros, e temos sido os monstros e melhores amigos desde então.

Eu bato meu quadril contra o dele.

— Vamos cavalgar até lá.

Fomos para a sombra e agora estamos encostados no meu carro na entrada da garagem. Minha cachorra de caça, Matilda, nos observa da janela da sala de estar, com as grandes orelhas em pé.

As temperaturas vão subir até quase os quarenta graus hoje, com os ventos à tarde soprando do leste. A umidade está em 11% e caindo. Sei disso porque os avisos de Bandeira Vermelha começaram a apitar no meu celular às oito horas da manhã. A seca causou uma temporada de incêndios precoce este ano, e a companhia elétrica planeja desligar a energia ao meio-dia. Quando você mora na Califórnia, em

uma caixa de pólvora a que chamam floresta, acaba sabendo mais sobre incêndios florestais do que jamais desejou.

Drummer aperta os olhos.

— Não vou montar aquele potro que te pisoteou.

— Sunny não me pisoteou; ele *pisou* em mim. Não é culpa dele que ele pese quase quinhentos quilos.

— Outra razão pela qual prefiro não cavalgar nele. — Seu olhar muda para a regata que cobre o meu biquíni, e seus olhos queimam através dela. — Você é a única mulher no mundo que consegue me colocar em cima de um cavalo, sabia disso?

Minha voz cai uma oitava.

— Sei disso.

Drummer flerta com todo mundo e nunca significa nada, mas meu coração estúpido e traidor dispara quando ele me olha desse jeito.

Seus lindos olhos azuis deslizam até o meu rosto.

— Tudo bem, Hannah Banana; seja feita a sua vontade.

Meia hora depois, estamos montados na sela e a caminho, na tri-lha. O nome da montaria de Drummer é Pistol, meu cavalo de corrida que tem catorze anos e que salta a cada sombra.

— Ele tá empinando — Drummer reclama.

— Isso não é empinar. Senta direito e relaxa. — Drummer obedece, e, assim, Pistol se acalma.

Saímos da floresta de pinheiros e lá está o lago Gap, um círculo oval da cor de safira afundado no topo da montanha. Picos íngremes e lisos o cercam, e o vento cria ondulações na água, fazendo o lago brilhar como cetim enrugado. As fontes subterrâneas alimentam o Gap durante todo o verão, e as águas da chuva e da neve derretida o reabastecem no inverno. Pinheiros e abetos vermelhos cercam as margens como árvores de Natal sem enfeites.

O Gap é um poço, um buraco cheio de água doce sem nenhuma parte rasa, com uma borda íngreme que derrapa direto em um abismo negro. Os cientistas dizem que o lago foi formado pelo movimento das placas tectônicas em 480 a.C. Os povos antigos afirmam que ele foi esculpido durante uma batalha vulcânica entre deuses. Os cidadãos de Gap Mountain não se importam em como isso aconteceu. Nós nos importamos por ele ter ultrapassado o lago Tahoe (de acordo com novas medições) como o lago mais fundo da Califórnia,



e nos importamos porque se você se afogar no Gap seu corpo nunca será recuperado.

Violet nos vê chegar.

— Aqui — ela chama, acenando.

Nosso grupo está espalhado em um pedaço da margem árida que chamamos de “praia”, a única área onde você consegue escalar para fora do Gap. Não há outros jovens aqui, o que significa que todo mundo está no rio. Mo está vasculhando sua sacola térmica, que sei que vai estar cheia de frutas picadas, sanduíches, bolinhos ou biscoitos caseiros e cerveja, enquanto Violet se espreguiça em uma toalha enorme, cantarolando uma música. Não vejo Luke.

Drummer e eu guiamos os cavalos até a praia e deslizamos das selas.

— Hannah!

Violet se levanta e me abraça antes que eu possa amarrar os cavalos. Um cheiro forte de cremes e perfumes de grife flutua de seu cabelo e de sua pele bronzeada, fazendo cócegas no meu nariz. Ela sorri para mim — olhos negros brilhando, covinhas aparecendo. Ela é baixinha, cheia de curvas e radiante, e me sinto uma girafa parada ao lado dela — alta e magra, com olhos enormes e nariz comprido, camuflada para me *misturar*.

Ela beija cada uma das minhas bochechas do seu jeito refinado.

— Me diz quem canta isso? — Violet começa a cantar uma nova música do rádio e, como sempre, adivinho errado.

— Quase — ela exclama, generosa como sempre.

Violet é o único monstro que não vive em Gap Mountain. Ela vem de Santa Bárbara todo verão para visitar sua avó rica. Às vezes, seu irmão mais velho também vem, mas este ano ele está nas Maldivas com sua nova esposa, então ficamos com Violet só para nós. Ela acena em direção a Drummer, sorrindo.

— Não consigo acreditar que você colocou ele em cima de um cavalo.

— Ele tentou empinar comigo — Drummer dedura.

— Ele não fez nada disso — protesto.

Mo desliza os óculos de sol pelo nariz sardento.

— Vocês estão com fome?

— Claro que sim. — Drummer pega a sacola dela.

— Tira essas botas; você tá sujando a toalha. — Mo cutuca as costelas dele com o pé descalço, mas Drummer não escuta, apenas começa a beliscar os bolinhos.

Mo me entrega um frasco de protetor solar:

— Pode passar.

— Não, obrigada, essa coisa é pior do que o sol.

— Acredito que isso seja uma teoria da conspiração, Han, mas tanto faz. — Ela volta a cutucar Drummer até ele tirar as botas.

— Cadê o Luke? — pergunto.

Violet acena em direção à fila de árvores.

— Emburrado, como sempre.

Drummer lambe os dedos sujos e agarra a mão de Violet.

— Vamos nadar.

Ele a arrasta em direção ao Gap enquanto ela protesta, falando sobre o cabelo, com a chapinha feita esta manhã.

Drummer ignora.

— Não venha para o Gap se não quiser se molhar — implica. — Se não quiser se molhar *toda*.

Ele pega Violet, joga-a a na água e mergulha logo atrás.

Mo grita para eles:

— Arranjem um quarto.

— Ele não... eles não são... — começo, e depois me calo. Na sexta série, nosso grupo fez um pacto: *monstros não namoram monstros*. Foi minha ideia assiná-lo com sangue, e, até agora, temos cumprido.

Tiro minha regata e deslizo para fora do meu short jeans, revelando o mesmo biquíni laranja desbotado que usei no ano passado.

— Vou querer um bolinho — peço a Mo.

Ela abre um recipiente de plástico e me entrega um bolinho, ainda quente do forno. Em seguida, puxa duas garrafas de Bud Light.

— Meu irmão comprou cerveja pra gente. Quer uma?

Nego com a cabeça. Meu pai é o xerife do condado e seus policiais às vezes patrulham o lago. A última coisa de que ele precisa é que sua filha seja levada para a delegacia por beber sendo menor de idade. Além disso, perdi minha mãe em um acidente de carro causado por um motorista bêbado que aconteceu quando eu tinha seis anos.

Desconhecidos enlouquecem quando ouvem isso. Eles me dão tapinhas nas costas e dizem *coitadinha*, e mulheres solteiras flertam

com o meu pai — o viúvo estoico criando uma filha sem mãe. Nós odiamos isso, papai e eu, mas os deixamos bajular, já que é melhor do que alfinetá-los com a piada: minha *mãe* era a motorista bêbada.

Ela não morreu imediatamente, mas o motorista do outro carro, sim. Isso mesmo, minha mãe foi condenada por dirigir embriagada e por assassinato. Meu pai ainda era delegado quando a prendeu — “*A lei é a lei, filhota*” — e mamãe morreu na prisão dois anos depois, com câncer de mama inflamatório. Mas não culpo a doença por tê-la levado. Não, eu já havia perdido minha mãe, e, de certa forma, meu pai, na noite do acidente.

Portanto, não é que eu não beba — às vezes bebo sim —, mas sei que não posso ser pega. É por isso que estou me preparando para entrar na polícia. Prefiro *dirigir* a viatura a ir na traseira dela, e talvez essa seja a diferença entre minha mãe e eu — quem sabe a única diferença, mas é possivelmente a mais importante.

Mo coloca a cerveja de volta dentro da bolsa, puxa uma garrafa de limonada bem gelada e a pressiona contra a minha perna, me fazendo dar um grito agudo. Ela acena com a cabeça em direção a Sunny.

— Você provavelmente não deveria beber e andar a cavalo mesmo, não é?

Rindo, abro a limonada e tomo um longo gole.

— Provavelmente não.

Nós nos apertamos na toalha juntas e observamos Drummer e Violet nadarem. O sinal de celular aqui é uma droga, então Mo e eu tiramos dezenas de fotos e vídeos para postar depois.

Luke finalmente aparece, saindo das árvores como o abominável homem das neves, com as roupas amassadas e a cara fechada.

— Idiotas de merda — ele diz.

— Quem? — Mo pergunta.

— Todo mundo. — Luke faz uma pedra saltar na água, quase atingindo Drummer e Violet, que erguem as mãos em protesto.

— Eu não jogaria pedras se fosse você — Drummer grita, lembrando o vandalismo de Luke na última primavera. Ele está em liberdade condicional por jogar pedras na casa do vizinho depois que eles o perturbaram por causa da sua música alta. Ele quebrou seis janelas e causou dois mil dólares em danos materiais. Após um segundo, todos nós começamos a rir.

— Vocês são os idiotas — Luke fala, e então tira a camisa, o short e fica na beira do Gap só de cueca. Ele levanta pesos obsessivamente, e seu corpo é grande, muito branco e cheio de músculos.

Luke era uma criança feliz, mas isso mudou no ensino médio depois que sua mãe deixou seu pai. Desde então, ele é mal-humorado, triste e não se abre com nenhum de nós, exceto com Mo.

— Com medo de se molhar? — grito enquanto Luke caminha pela borda como um cachorro se perguntando se deveria pular.

Ele me mostra o dedo do meio e mergulha de cabeça na água, que é fria mesmo no verão. Quando retorna à superfície, berra e sacode o cabelo, jogando gotas de água em um arco ao seu redor.

Meus olhos se voltam para Drummer. Ele está segurando Violet em seus braços enquanto ela flutua de costas, e sinto meu coração afundar. Ela está tão relaxada, tão feliz, e vai para Stanford no outono, sem precisar de ajuda financeira ou de bolsa de estudos, o mundo inteiro aos seus lindos pés.

Violet não tem ideia de que também me inscrevi para Stanford ou de que eles me rejeitaram. Ela não sabe o quanto trabalho duro em casa, limpando baias, consertando cercas e treinando meus cavalos porque não tenho dinheiro para contratar ajudantes. Sua avó paga mil e duzentos dólares por mês para embarcar cada um dos cavalos de exibição importados de Violet — animais tão caros que ela não tem permissão para montá-los em trilhas, apenas em arenas cuidadosamente projetadas com condições perfeitas para que eles não escorreguem ou tropecem.

Eu olho de soslaio para ela. É a sorte da genética, de nascer na família certa. Violet tem tudo: beleza, dinheiro, inteligência — e talvez Drummer também. Todos nós a adoramos, mas ela não é como nós. Ela é uma intrusa. Coloco meus óculos escuros. Olhar para Violet dói como olhar para o sol.

Mo amarra o cabelo ruivo escuro e grita:

— Temos que planejar o resto do verão. Não podemos vir *aqui* todos os dias. Fiz uma lista. — Ela tira uma caneta e um caderno espiral rosa de sua bolsa. — Isto é o que tenho até agora: nadar no Gap, *dã*; passeio de um dia para fazer a trilha Vernal Fall em Yosemite...

— De jeito nenhum — Luke reclama. — Muito turístico.

— Só me deixa terminar — Mo pede. — Noite de cinema na casa da Violet; viagem de compras a Reno para roupas e coisas pra faculdade; jogar Escape Room — eu mesma vou fazer um jogo; o rodeio em agosto; um dia de spa, só para as meninas; e uma viagem de caça para os meninos.

— Eu gosto de caçar — protesto.

— Mas você quer? — Mo questiona. — Mesmo?

Se eu quero passar algumas noites em uma pequena cabana de caça com Drummer? Uh, com certeza, mas deixo pra lá.

— Algo a acrescentar? — Mo pergunta ao grupo.

— Acampar no Vale da Morte — Drummer sugere.

— Contanto que outra pessoa dirija — Mo avisa. — Ainda tem poeira da última vez na caminhonete do meu pai.

— Tive uma ideia — Luke resmungo. — Vamos fazer algo *sem planejar*.

Mo faz cara feia para ele.

— Eu... Não tenho como anotar isso.

Ele joga a água nela da beirada e Mo estreita os olhos.

— Se não fosse por *mim*, todos vocês morreriam de fome e de tédio.

Drummer e Violet saem do lago e ele se joga sobre Mo.

— Duvido muito. — Ele dá mordidinhas em seus braços e em sua barriga, fazendo-a cair na gargalhada.

Então Luke nada para a praia e se joga na toalha, exausto porque fuma pelo menos dois maços de cigarros por dia e mal consegue respirar. Violet e Mo comem os lanches enquanto meus cavalos pastam na grama alta e seca atrás de nós.

Será que este é nosso último verão juntos? Mo está indo embora primeiro, para cursar o programa de enfermagem da Universidade Estadual da Califórnia, em Fresno. Violet está indo para Stanford para estudar bioquímica, eu vou para a Universidade Estadual de San Diego para estudar justiça criminal, e Luke e Drummer trabalharão em tempo integral em algum lugar.

Eu me pergunto se Violet, Mo e eu conseguiremos empregos no próximo ano na faculdade e ficaremos lá durante as férias. Voltaremos para casa apenas quando nossos pais nos implorarem? Será que a geografia é que vai separar os monstros, ou os estudos também?

Sinto um arrepio ao pensar em deixar Gap Mountain, fazer novos amigos, seguir em frente...

O vento aumenta e carrega o chapéu de Mo.

— Eu pego — digo.

Drummer aperta os olhos para o sol batendo em nós, seus cílios criando sombras pontiagudas em suas bochechas.

— Esse clima é de fogo.

— Não diga isso — Mo avisa, como se apenas as palavras pudessem acender o fogo.

Além do vento, que está realmente forte agora, o dia está perfeito. Nossos futuros se expandem diante de nós como o Gap, lindo e desconhecido, e juro não esquecer um único momento deste verão.

É então que Luke se levanta, tira um saco de maconha do bolso e diz as palavras que vão mudar nossas vidas para sempre:

— Quem quer fumar um?



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM JANEIRO DE 2022